

AS DROGAS NOS ACOMPANHAM HÁ TEMPOS! CONHECER O PASSADO PARA LIDAR COM O PRESENTE.

Francisco José Figueiredo Coelho
Simone Monteiro

Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz

Caro professor, você já parou para pensar em quanto tempo as drogas fazem parte do cotidiano das pessoas? Seria uma novidade para a nossa sociedade ocidental ou uma necessidade humana milenar? O que você diria a seus alunos caso eles lhe perguntassem há quanto tempo as drogas existem? Você já parou para pensar na origem da palavra droga? Uau...Muitas questões! Todas elas são importantes para entendermos sobre porque falar de drogas é algo tão complexo para alguns professores.

De fato, a palavra “Droga” sequer apresenta uma origem precisa. A hipótese mais provável é que venha da palavra holandesa *droog*, usada do século XV ao XVIII para designar o conjunto de substâncias naturais, principalmente na alimentação e na medicina. Data de períodos remotos, sendo disseminado em diversas sociedades e momentos históricos, produtos da necessidade humana. Por isso, não se pode descartar os múltiplos modos de uso das drogas, que variam histórica e culturalmente.

Para você ter uma ideia, na Grécia antiga havia a crença de que diferentes Deuses, como *Hypnos* (Deus do sono hipnótico), *Thanatos* (Deus da morte) e *Nyx* (Deusa da noite), eram adornadas com o talo da planta papoula. *Morfeu*, o Deus do sono, costumava sacudir todas as noites a planta sobre os mortais, lhes oferecendo repouso e esquecimento. Você já ouviu falar na expressão “cair nos braços de *Morfeu*”? Pois é. Surge daí a metáfora para a pessoa que adormece. Hipócrates frequentemente mencionou a papoula como ingrediente de preparados medicinais e, Aristóteles a registrou como planta antidiarreica, calmante e, por vezes, sonífera.

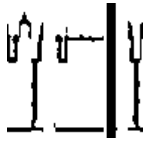


Imagem 1 – Afegãos trabalham em plantação de Papoula. Do fruto não maduro dessa planta (com pétalas brancas, roxas ou avermelhadas) se extrai um látex chamado ópio, com textura semelhante ao da seringueira. A partir disso, é possível produzir a heroína, a morfina, a codeína e outros. Fonte: <https://tinyurl.com/ybens63a>

Você sabia que para os ancestrais andinos, a folha de *coca* era uma planta sagrada? Os rituais eram tão respeitados que a planta só era manipulada por autoridades políticas e religiosas. Por ser considerada um presente dos Deuses, somente eram colhidas por índios mensageiros, que a colhiam para se alimentar e tratar doenças. Era usada de forma controlada e restrita às práticas religiosas, festivas, nutricionais e para tratar algumas doenças. Esse panorama muda com a chegada dos espanhóis à América, com uma ruptura cultural onde a *coca* passou a ser moeda de troca com os índios.

Não apenas com as folhas de coca, mas também o tabaco era usado em rituais religiosos de vários grupos indígenas. Por meio de baforadas eram libertados de diferentes males e o uso pela mastigação também era usado de forma terapêutica. E não podemos esquecer dos cultos gregos ao Deus Dionísio (Baco, para os Romanos). Concebida há mais de 2.400 anos, a tragédia de Eurípedes (*As Bacantes*) narra o culto a Baco, Deus do vinho, e a reação punitiva do Estado e suas consequências às celebrações em seu louvor, que eram chamadas de bacanais. Cabe lembrar que no livro bíblico de Eclesiastes o vinho é descrito como gozo do coração e alegria dos homens. No Novo Testamento tem o simbolismo da consagração do sangue de Cristo.

A partir do século XVI, com o descobrimento do Novo Mundo e o conhecimento de novas culturas ultramarinas os europeus conheceram muitas especiarias. Com o tempo foram introduzidas em suas sociedades com finalidades médicas, alimentares ou recreativas. A chegada da *Cannabis* (maconha) no Brasil é um exemplo disso. Você faz alguma ideia de quando e como



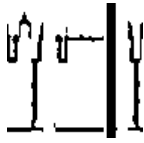
a maconha chegou ao nosso país? Chegou nas próprias velas e cordas das embarcações, que eram feitas de cânhamo, um tipo feito com a planta. Portanto, a maconha apresenta outros usos, além do reativo e da sensação de “barato” e relaxamento. Originária da Índia, ao chegar nos portos brasileiros disseminou-se rapidamente entre os escravos. Foi uma planta muito popularizada entre os intelectuais franceses e médicos ingleses do exército imperial na Índia. Tanto que passou a ser considerada em nosso meio um excelente medicamento indicado para muitos males.



Imagem 2 - Cânhamo é o nome das fibras que se obtém de plantas do gênero *Cannabis*. Além de tecidos, o cânhamo é utilizado na fabricação de papel, cordas, alimentos, resinas e combustíveis. Como toda *Cannabis*, apresentam concentrações de THC (princípio ativo que gera o barato ao usar a maconha). Fonte: <https://tinyurl.com/y9alagdg>

Nesse contexto da intensificação do comércio das drogas, não podemos esquecer um marco importante: as guerras do ópio contra a China, datadas de 1839 a 1841. A partir delas, os ingleses garantiram o monopólio internacional desse mercado, consolidando o domínio britânico no extremo oriente e implementando a prática comercial dos psicoativos para todo o mundo, em larga escala. Nesse primeiro momento histórico teve-se o grande marco de “guerra pela droga”, promovendo o domínio desse comércio pelas nações colonizadoras, em especial a Inglaterra e a França, e a expansão do consumo dessas substâncias por toda a Europa.

O uso terapêutico do ópio e da maconha não ficaram impunes ao sistema de controle dos estados, sobretudo no Brasil. No caso da maconha, por exemplo, embora também fosse usada para fins médicos, a partir da década de 1920 começou a ser perseguida. Apesar de tentativas anteriores no século XIX e princípio do século XX, a perseguição policial aos usuários de maconha se tornou mais enérgica a partir da década de 1930.

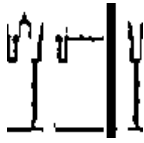


Na busca da saúde, de apurar os sentidos e da ideia de prorrogação da duração da vida, os europeus buscavam em todo globo as fontes mais ocultas das “drogas quentes”, os temperos como a pimenta, a canela o cravo, o benjoim, a cochonilha, o incenso, o açúcar, o tabaco e o gengibre e outras raízes. Assim, levavam o calor dos trópicos para o norte e carregavam bálsamos e outras resinas aromáticas para servirem de terapia e de unção nos rituais católicos, sobretudo de consagração de reis. Muitas vezes, se indispuseram com os indígenas, na busca de obter informações medicinais, o que resultou em massacres históricos.

Mas, em se tratando de economia? Será que, historicamente, as drogas tiveram alguma influencia na economia do país? Se imaginou que sim, está no caminho certo. Do período colonial até hoje, a grande verdade é que as drogas (proibidas ou lícitas) geraram muitos lucros. As drogas representaram um conjunto de riquezas exóticas, produtos de luxo destinados ao consumo, uso medicinal e alimentar, termo pelo qual atualmente chamamos de especiarias. Assim, na época colonial a sociedade não distinguia precisamente droga de alimento. Embora as regulamentações tenham ficado mais acirradas, foi no século XX que o consumo de drogas legais e dos alimentos-droga alcançou sua maior extensão mercantil. Foi em torno desses produtos que inúmeras populações basearam suas dietas. O vinho é um exemplo. Historicamente, para a região do Mediterrâneo antigo, ele foi bem mais que um alimento. Representou uma criação complexa e secular, do trabalho cumulativo de inúmeras sociedades, etnias e culturas.



Imagem 3 – A fermentação da uva produz vinhos que são utilizados para alimentação humana e nos cultos religiosos em todo o mundo, há milênios. Fonte: <https://tinyurl.com/y7tctt9>



Atualmente as bebidas alcoólicas, assim como o cigarro, são produtos lícitos, ou seja, permitidos pela nossa legislação para os maiores de 18 anos. Mas, será que sempre foi assim? Por incrível que pareça, embora muito lucrativo para a economia dos países, as discussões sobre proibir ou liberar as bebidas alcoólicas já foram muito intensas tanto no Brasil quanto em outros países. Um bom exemplo foram os movimentos religiosos protestantes para tirar o álcool da sociedade, iniciados desde a década de 1830. E não é que esse movimento contra o álcool deu certo! Quase um século depois, na década de 1920 até 1933, os Estados Unidos proibiram a produção e o uso de bebidas alcoólicas no país através da Lei seca. E você deve imaginar a repercussão que isso teve no mundo todo, não é mesmo? Tentando garantir sobriedade à população americana, essa lei revelou ao mundo que a proibição não foi a melhor estratégia para evitar a violência, pois o contrabando e a miséria só aumentaram. Houve o aumento do comércio clandestino, da procedência duvidosa dos produtos e a elevação da ascensão de *gangsters*.

Atualmente, uma grande preocupação é o mercado clandestino que atinge os jovens. O jovem tem fácil acesso ao uso de entorpecentes, da maconha aos produtos sintéticos mais modernos, como anfetamimas, anabolizantes e diferentes solventes. A escola, por ser um espaço de encontro de diferentes adolescentes, pode se tornar um ambiente de exploração e contato com distintas drogas. Por isso, historicamente no que cabe à função social, a escola de hoje tem um grande potencial preventivo para orientar, intervir e promover saúde para os jovens, mais até que em outros momentos históricos. A existência das drogas e seus usos ao longo da história envolvem questões complexas de liberdade e disciplina, sofrimento e prazer, devoção e aventura, transcendência e conhecimento, sociabilidade e crime, moralidade e violência, comércio e guerra. A história das drogas e suas formas de uso e controle são mais antigas do que possamos imaginar! Para se compreender o presente, conveniente saber mais sobre o passado.

COMO CITAR O TEXTO:

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. AS DROGAS NOS ACOMPANHAM HÁ TEMPOS! CONHECER O PASSADO PARA LIDAR COM O PRESENTE. Curso de atualização de professores Educação, Drogas e Saúde na escola. Laboratório de educação em Ambiente e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, agosto de 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ybscwohj>>. Acesso em __/__/____.